

CONFERÊNCIA

FILOSOFIA, TECNOLOGIA E RESPONSABILIDADE

Elton Vitoriano Ribeiro¹

1. Introdução

As relações e interações entre filosofia, tecnologia e responsabilidade são temas desta minha conferência. Eu pretendo pensar estas interações a partir do pensamento de Henrique Claúdio de Lima Vaz. Padre jesuíta, professor de filosofia e mestre de uma geração de filósofos, Lima Vaz ainda, pela força de seu pensamento, continua influenciando muitos de nós que queremos estudar filosofia no Brasil. Para começar e apresentar um itinerário, eu gostaria de lembrar um dos últimos textos escritos por Lima Vaz onde ele apresentou brilhantemente o horizonte a partir do qual minha reflexão irá situar-se. Para Lima Vaz: “Uma revolução profunda e silenciosa, cujos efeitos visíveis e ruidosos acabam por ocultar sua verdadeira natureza e seu alcance, está em curso há pelo menos dois séculos nas camadas elementares do psiquismo e nos fundamentos das estruturas mentais do indivíduo da civilização ocidental” (LIMA VAZ, 2002, p.269). Ora, é sobre esta revolução, em grande parte fruto da incidência da tecnologia em nossas vidas, que quero discutir aqui. Iluminado pela filosofia de Lima Vaz argumento que esta revolução é lenta, silenciosa, profunda e transformadora. Transforma nossa forma de ser e estar no mundo, nossas estruturas mentais, nossa maneira de ver o mundo, e finalmente nosso universo simbólico (RIBEIRO, 2012, p.75). Para elucidar esta transformação, pretendo guiar-me pelas três palavras do título desta conferência e assim tentar, de forma dialética, encontrar caminhos para entender nosso tempo.

2. Filosofia

A filosofia, desde seu início no século V aC na Grécia, foi conhecida como uma forma de conhecimento que, unido às ciências, tentaram dar uma resposta diferente a do mito para o

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Conferência apresentada durante a VII Jornada de Filosofia, promovida pela Faculdade Católica de Pouso Alegre de 29/10 a 01/11/ 2012, com o tema geral Filosofia, ciência e tecnologia.

mistério da existência humana no mundo. Ela é herdeira do mito, mas como herdeira ela não repetiu as respostas mitológicas, mas buscou transpor para o registro da razão demonstrativa, a visão de mundo do homem, suas respostas e seus anseios.

Para minha argumentação inicial eu quero discutir sobre o papel da filosofia. Eu começo apontando duas direções. Primeiro, buscando na etimologia o significado da palavra filosofia. Ora, a palavra filosofia é a junção de duas outras palavras, *filos* e *sofia*. *Filos* é amigo, e *sofia* é sabedoria. Filosofia é um tipo de amor, ou amizade à sabedoria. O filósofo é o amigo da sabedoria, ou seja, aquele que se aproxima com amizade, amor, atenção, cuidado da sabedoria. Ele não pode impor à força sua maneira de ver o mundo, ou seu domínio, ele simplesmente se aproxima e entra em relação, como na amizade, oferecendo, humildemente, sua companhia. Ser filósofo, então, é amar e ser amigo da sabedoria (LIMA VAZ, 1997, p.23). Uma segunda direção possível seria buscar na história da filosofia o que os filósofos deixaram como pistas para a compreensão da própria filosofia. Neste caso a tarefa seria grande. Mas, olhando rapidamente, posso dizer que encontro alguns pontos em comum nesta busca. Primeiro, o fundamento de filosofia é o espanto, a admiração. De Platão à Heidegger, a filosofia assume esta atitude de olhar de forma diferente e admirar-se do mundo, das pessoas, das ideias, da vida. Ser filósofo é admirar-se constantemente. Ao admirar-se, o filósofo pergunta. Este é o caminho da filosofia: duvidar e perguntar. O filósofo caminha lentamente, como diria Descartes, porque duvida das coisas, e diante da dúvida a única saída que temos é perguntar. As crianças fazem bem isto. Por isso, filosofia é aprender e reaprender constantemente a ver o mundo (RIBEIRO, 2012, p.7).

Aprofundando um pouco mais, olho para o caminho filosófico de Lima Vaz. Para Lima Vaz o ato de filosofia é sempre uma “rememoração histórica” e uma “reflexão conceptualizante”. Primeiro, filosofia é rememoração. Este é o caminho de toda cultura: “Na verdade, toda cultura é *anamnética*, pois nem os indivíduos nem as sociedades podem viver sem continuamente recuperar sua vida vivida – seu passado – para nele perscrutar as razões da sua vida presente” (LIMA VAZ, 1991, pp.684-685). Seguindo a lição de Hegel, ao fazer do primeiro momento da filosofia uma rememoração pensante, Lima Vaz sugere que devemos reinventar os problemas a partir da história da filosofia, ou seja, o que os outros filósofos pensaram e discutiram é importante para nossa reflexão. Com isso, o filósofo tenta, através de sua reflexão, captar o tempo no conceito. Captar o fluir do tempo, das situações, das vivências no conceito filosófico (LIMA VAZ, 1997, pp.44-76).

Mas, dialeticamente, devo dizer, seguindo Lima Vaz, que filosofia é reflexão. Pode parecer óbvio. Porém, é importante dizer que filosofar é construir uma reflexão pensada, refletida e discursivamente explicitada. É colocar em funcionamento a espiral da pergunta que é construída assim: pergunta – resposta – nova pergunta. As respostas da filosofia nascem grávidas de outras perguntas. Esta é uma dialética sem fim. E neste sem fim a filosofia, segundo Lima Vaz, se contenta em inclinar-se, com olhar crítico, para tentar encontrar os núcleos de inteligibilidade que se ocultam sob as aparências e, se possível, ordená-los num discurso coerente. Aqui é importante observar como Lima Vaz descreve a atitude filosófica. Primeiro, inclinar-se, voltar-se com reverência ao mistério da existência humana no mundo nas suas mais diversas manifestações. Depois olhar de forma crítica, de maneira questionadora, interessada, aberta, admirada. Finalmente, tentar organizar um discurso coerente. Um discurso que faça, racionalmente, sentido, que aponte caminhos, que mostre possibilidades, que ajude a caminhar, ainda que de forma lenta e pausada em direção àquilo que permanece, os assim chamados núcleos de inteligibilidade. Ou seja, aquelas ideias, conceitos, definições que formam como que um núcleo que sustenta e dá vida aos problemas e as representações filosóficas ao longo do tempo.

A filosofia assim compreendida é busca da verdade. É a confrontação, lenta, progressiva e racional da própria vida com o sentido que vai, paulatinamente, se revelando à medida que o pensar do filósofo penetra no âmago da realidade. Daí a melhor forma desta tarefa ser é a de uma busca. Busca constante e sempre em marcha que conduz o filósofo a fazer da filosofia uma pergunta radical. A filosofia como pergunta radical é um perguntar por tudo e de forma profunda. O filósofo não se pergunta pela várias manifestações do mal, ele pergunta: o que é o mal? Ele não pergunta pelas diversas formas de injustiça existentes em nosso mundo, ele pergunta: o que é a justiça? Suas perguntas são radicais e exigem uma aposta na razão humana. Assim, o filósofo faz desta aposta seu principal instrumento para abordar a realidade. É a razão demonstrativa que permite ao filósofo, em sua busca pela verdade, fazer perguntas radicais buscando compreender o fundamento último da realidade em seu todo. Por isso, a filosofia é uma questão sempre aberta. Ela não se satisfaz plenamente com nenhuma resposta. Está sempre perguntando, sempre buscando, sempre abrindo novos e diversos horizontes de interpretação. Filosofar é interpretar o mundo, como, por exemplo, fez Kant ao formular as perguntas essenciais da filosofia: o que posso saber?, o que devo fazer?, o que me é permitido esperar?. Todas elas confluem para uma única e essencial pergunta: o que

é o homem? Este é o caminho da filosofia. A partir deste caminho, agora, argumento sobre o papel da tecnologia em nossa sociedade contemporânea.

2. Tecnologia

Antes de falar sobre a tecnologia é importante lembrar alguns pressupostos. O primeiro é sobre a própria cultura. A cultura ocidental é a cultura da razão. Ela coloca tudo sob o crivo da racionalidade demonstrativa: a vida, a história, a fé, o amor. Tudo é questionado por uma razão reflexiva e lógica (LIMA VAZ, 1988, p.7). Na modernidade está razão se torna cada vez mais antropocêntrica. Ela submete a natureza a seus fins de utilização para organizar e dominar o mundo. Na verdade, cada vez mais a razão moderna tende a se construir como um instrumento eficaz de análise e manipulação do real. Daí surge, com Descartes, a razão e a ciência modernas que trabalham objetivando a experiência, instaurando a dualidade entre sujeito e objeto, e finalmente dando ao sujeito o poder de manipular, apropriar, analisar, destruir, construir e transformar o objeto conforme seus planos e cálculos. É o triunfo do método cartesiano onde o modelo é a matemática, procede por hipóteses, deduções e verificação experimental e estabelece regras. O *Discurso do Método* de Descartes ilustra admiravelmente esta forma de trabalhar. A partir deste paradigma, a racionalidade aprende a partir da análise que estabelece regras que permite a construção do modelo matemático mais adequado à explicação dos fenômenos, sendo os fenômenos compreendidos como grandezas mensuráveis e calculáveis (RIBEIRO, 2012, pp.82-87).

A partir deste método a ciência moderna cresce enormemente. Para elucidar está hipótese é só pensar na atual revolução científica comparando-a com a revolução iniciada pela física de Newton. No modelo newtoniano, o principal produto é a manufatura, diríamos hoje o *hardware*. Surge a sociedade industrial com o fortalecimento das economias nacionais. A força do trabalho está voltada para trabalhos manuais, baseados na autoridade, onde encontramos, normalmente, uma única opção. O filme *Tempos Modernos* de Charles Chaplin ilustra bem está sociedade. Hoje, a sociedade contemporânea constroi-se de outra maneira. A atual revolução científica é herdeira da teoria da relatividade e da física quântica. Neste processo surge a alta tecnologia, o *software*. A sociedade transforma-se, cada vez mais, em sociedade de informação, com uma economia global, onde os trabalhadores importantes são aqueles que trabalham com o conhecimento, baseados em redes que possibilitam múltiplas opções. Fruto desta revolução que está transformando nosso mundo da vida, nossa sociedade

é possível elencar alguns projetos. O projeto Manhattan que produziu a bomba atômica. O projeto Apolo que levou o homem à lua. O projeto Genoma que está decifrando o mapa genético do ser humano. E a Internet que está mudando nossa forma de adquirir informações e de nos comunicar. Eis apenas alguns exemplos.

Mas, o que é a tecnologia? A tecnologia, com o auxílio do desenvolvimento científico, produz objetos e sistemas de objetos. Um chip, por exemplo, apesar de sua enorme sofisticação é um objeto tecnológico. Já um computador é um sistema de objetos. A tecnologia produz um mundo tecnológico, que gera uma mentalidade tecnológica, e gera atitudes tecnológicas. Esta cadeia causa um imenso impacto em nossa cultura contemporânea. Hoje, a imensa maioria dos objetos com que lidamos constantemente e que consumimos são produtos de atividades tecnológicas. Nós vivemos e construímos nossas vidas mediante sistemas tecnológicos, pensamos e valoramos o mundo cada vez mais em função de categorias tecnológicas (BORGSMANN, 1984). As vantagens são óbvias. As atividades se tornam mais rápidas e fáceis. Pensemos na comunicação, no transporte e na medicina. A própria existência humana no mundo se torna mais confortável e longa. Por exemplo, pensemos nos vários medicamentos para as mais diversas doenças, na diminuição da mortalidade infantil e na longevidade das pessoas de nossa época. Portanto, na idade da tecnologia, o conhecimento é entendido cada vez mais como informação. O artificial é preferido ao natural. Acontecem grandes modificações nas condições de trabalho e surgem novas possibilidades de manipulação das pessoas e do ambiente em que vivemos. Para a filosofia surgem muitas questões: ontológicas, antropológicas, epistemológicas e éticas. Aqui eu argumentarei apenas sobre as questões éticas. Farei isto tendo em mente a seguinte pergunta: tudo o que é tecnicamente possível de fazer-se, deve ser feito?

3. Responsabilidade

Falar de responsabilidade é falar de ética. A palavra ética é mais uma herança que temos dos gregos. Ética vem de *ethos*. O vocábulo *ethos*, pode ter dois significados. Primeiro o de morada, covil que o animal constroeu para proteger-se das intempéries da natureza. Mas também é costumes, hábitos, ou seja, é esta morada simbólica que o ser humano constroeu, e que nos chamamos de cultura, para proteger a vida humana diante das vicissitudes da existência humana no mundo. Então, ética é propriamente, e está é a lição de Aristóteles,

ciência do *ethos*. Assim, a ética é a reflexão crítica das ações, dos costumes, das normas, das leis e dos valores (LIMA VAZ, 1988, pp.11-16).

Está morada simbólica é, por sua vez, dialética. Quero dizer, nela o ser humano tanto influencia como é influenciado. Pessoa e sociedade, diríamos, se influenciam mutuamente, num movimento que Lima Vaz chama de fenomenologia do *ethos*. Não vou aqui explicitar toda está dinâmica da formação do *ethos* na sociedade e na vida de cada pessoa. Apenas quero ressaltar que, por ser um movimento dialético, cada pessoa, cada agente é responsável por seus atos. Como sujeito livre, cada pessoa escolhe deliberadamente e conscientemente entre as várias alternativas de agir. E essa eleição produz consequências. Sendo assim, a estrutura do discurso ético, simplificando a questão, pode ser interpretada em etapas. Primeiramente o sujeito toma consciência de sua situação. Depois ele discerne acerca da realidade. Num terceiro momento ele, reconhecendo-se como ser livre e responsável, age responsabilmente, assumindo compromissos com os outros no mundo. Ora, neste decidir está implícito que o ser humano é o único ser conhecido por ter responsabilidade. Esta responsabilidade provém da liberdade, é possível dizer que a responsabilidade é o preço da liberdade.

Agora eu penso que fica plausível a tese de Hans Jonas acerca do imperativo da responsabilidade assim como ele apresenta em sua obra. Positivamente, o imperativo afirma: age de tal maneira que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida humana autêntica. Negativamente, ele pode ser compreendido assim: não ponhas em perigo a continuidade indefinida da humanidade na terra (JONAS, 2006). O valor de tal reflexão é enorme, mas aqui eu quero apontar também para outro aspecto da responsabilidade, já que a maioria de nós terá que decidir por questões mais simples e corriqueiras do nosso dia-a-dia. Minha proposta é a de que a responsabilidade deve ser compreendida como uma virtude a ser cultivada (RIBEIRO, 2012, pp.168-172).

Como aprendemos com Aristóteles e Lima Vaz, a virtude é uma disposição (*habitus*), uma capacidade adquirida, constante e duradoura. Essa disposição consiste em agir de maneira deliberada. É uma escolha livre. É escolher o meio-termo, a mediania relativa a nós. Ela é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e o outro por falta. É interessante notar que enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio termo, que para Aristóteles é o extremo do bem.

Ora, sendo a responsabilidade, ou a vida responsável, uma vida ética, cabe aos agentes éticos buscarem meios para viver está responsabilidade na vida cotidiana, que é feita de

pequenas opções éticas e de escolhas conscientes, diante do enorme mundo de objetos técnicos colocados a nossa disposição. Para mim, um bom caminho é aquele proposto por Cortina para as decisões éticas nas sociedades contemporâneas (CORTINA, 2005, pp.193-196). Primeiro, o diálogo é o único caminho razoável e democrático. Dialogar, isto é, falar e saber ouvir na busca de objetivos comuns, é a melhor forma de compreender o outro, a si mesmo e interpretar conjuntamente a realidade. Em segundo lugar é importante termos consciência de que em uma decisão ética, todas as pessoas envolvidas devem tomar as decisões em condições de racionalidade, isto é, esforçando-se por buscar o melhor argumento, sem violência ou coação, interna ou externa ao diálogo. Por fim, as decisões éticas sobre a correção de normas, leis e costumes são sempre passíveis de revisão, na necessária atitude de se buscar o melhor na situação concreta.

Minha argumentação poderia continuar abordando outros pontos importantes desta relação entre filosofia, tecnologia e responsabilidade. Quero agora apenas apontar para três realidades que deverão ser tratadas por todos aqueles que desejam pensar este tema. As realidades que são, paulatinamente, afetadas pela tecnologia são: a relação do ser humano com a transcendência, a questão da ecologia, e a defesa dos direitos humanos. Cada uma destas questões levanta problemas importantes para a nossa sociedade. Por exemplo, será a questão da religião e do sentimento religioso extinguida com o avanço da técnica? A tecnologia nos ajudará a criar um meio ambiente mais saudável e duradouro? Como pensar os direitos inerentes a cada ser humano em um mundo que aponta para um ser pós-humano, todo configurado pela biotecnologia? Estas e outras questões poderiam ser discutidas com muito proveito para nossa sociedade. Eu quero apenas deixar uma lição de Lima Vaz, para encerrar minha reflexão, que aponta para o verdadeiro desafio de nossa época, desafio que ninguém pode escapar, e que é responsabilidade de todos. Lima Vaz questiona se os seres humanos do século vindouro, o nosso século XXI, pois ele escrevia no século XX, viverão de maneira mais dramática e contundente do que ele a pergunta pela existência humana no mundo histórico. Lima Vaz faz este questionamento porque para ele, os seres humanos do século XXI, viveriam em um universo cada vez mais povoado pelos objetos técnicos em incessante produção. A questão para Lima Vaz é: irá a objetividade técnica, a multiplicação incessantes de objetos técnicos com os quais lidamos diariamente, oferecer-se a nós como único alimento à carência metafísica do nosso espírito? Ou então ao contrário, será que em meio à abundância sem fim dos objetos técnicos, mais aguda se fará em nós, seres humanos, inteligentes e livres: a fome de um alimento mais substancial para nosso espírito. Onde buscar

este alimento substancial, questiona Lima Vaz, senão na tradição teológico religiosa e na tradição metafísica que está nos fundamentos de nossa civilização ocidental (LIMA VAZ, 2002, pp.266-267)

Para terminar, filosofia, tecnologia e responsabilidade, como tentei argumentar, são conceitos que apontam para os desafios que temos enquanto civilização humana no mundo, mas que, de forma profunda e fundamental, nos ajudam a pensar radicalmente nossa existência humana com os outros no mundo.

Referências Bibliográficas

- BIJKER, W. E.; HUGHES, T. P.; PINCH, T. (Eds.), *The Social Constructions of Technological Systems*, London: The MIT Press, 1989.
- BORGMANN, A., *Technology and Contemporary Life: A Philosophical Inquiry*, Chicago: Chicago University Press, 1984.
- CORTINA, A., *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*, São Paulo: Loyola, 2005.
- JONAS, H., *O princípio da responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, Rio de Janeiro: PUC-rio, 2006.
- LIMA VAZ, H. C., *Escritos de Filosofia II: Ética e Cultura*, São Paulo: Loyola, 1988.
- LIMA VAZ, H. C., “Morte e Vida da Filosofia”, *Revista Síntese*, n.55, 1991, pp. 677-691.
- LIMA VAZ, H. C., *Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura*, São Paulo: Loyola, 1997.
- LIMA VAZ, H. C., *Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade*, São Paulo: Loyola, 2002.
- RIBEIRO, E. V., “Uma vida a serviço da fé e da razão: Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, SJ”, *Revista Atualização*, Belo Horizonte, ano XLI, n.352, Set/Out.2011, pp.433-446.
- RIBEIRO, E. V., “A categoria de Justiça: momento fundamental de realização da comunidade humana como comunidade ética segundo Lima Vaz”, *Revista de Filosofia Argumentos*, Universidade Federal do Ceará, Ano 3, n. 6, Fortaleza, Jul/Dez.2011, pp. 70-78.
- RIBEIRO, E. V., *Reconhecimento ético e virtudes*, São Paulo: Loyola, 2012.